



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 15, número 2, jul-dez, 2022, pág. 414-431.

PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO: O MAL-ESTAR NA FORMAÇÃO DO SUJEITO NA UNIVERSIDADE

Roberta Duarte dos Santos
Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira

Resumo

Este artigo trata de um projeto de trabalho em desenvolvimento no Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. É fruto de reverberações da dissertação de mestrado de uma das autoras. Buscamos investigar o sofrimento psíquico em estudantes universitários, fazendo uso das metodologias de revisão de literatura e de pesquisa intervenção, por meio de grupos e rodas de conversa com os discentes. Percebe-se uma necessidade de um acompanhamento mais formal aos estudantes universitários tendo como foco os aspectos psíquicos e de saúde mental. Vale ressaltar que as mudanças vivenciadas pelos universitários fazem parte de uma fase maior na qual está situada a transição da juventude para a vida adulta, mudança essa de aspecto biológico, psicológico e social.

Palavras Chave: Sofrimento Psíquico discente, Saúde Mental, Psicanálise

Abstracto

Este artículo trata sobre un proyecto de trabajo en desarrollo en el Instituto de Psicología de la Universidad Federal Fluminense. Es el resultado de las reverberaciones de la tesis de maestría de uno de los autores. Se buscó investigar el estrés psicológico en estudiantes universitarios, haciendo uso de metodologías de investigación de revisión de la literatura y de intervención, a través de grupos y círculos de conversación con los estudiantes. Se percibe la necesidad de un seguimiento más formal de los estudiantes universitarios, centrándose en los aspectos psíquicos y de salud mental. Es de destacar que los cambios vividos por los universitarios forman parte de una fase más amplia en la que se sitúa la transición de la juventud a la adultez, un cambio biológico, psicológico y social.

Palabras claves: Sufrimiento Psíquico Estudiantil, Salud Mental, Psicoanálisis



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

INTRODUÇÃO

O presente artigo está pautado na pesquisa de mestrado *Mal-estar docente: vozes de professores em uma escola pública de Niterói*, defendida em 2020 no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGpsi/UFRJ), na qual partiu-se da hipótese de que há um mal-estar que comparece no ofício docente. Na dissertação foi analisada uma série de entrevistas realizadas com professores de uma escola pública. De forma geral foi recolhido no discurso dos entrevistados sobre a sua rotina de trabalho fatores determinantes para o comparecimento de um mal-estar, como, por exemplo, a relatada falta de respeito por parte dos alunos, a sua indisciplina e a violência no entorno da escola.

Diante desse cenário, os docentes relataram sentimentos de medo, tensão e ansiedade, o que, por vezes, acarretava afastamento para tratamento de saúde ou mudança da função docente para uma função administrativa, ocasionando uma readaptação funcional. Como uma das possíveis conclusões da pesquisa realizada, os resultados atingidos apontaram que, muitas vezes, o sofrimento psíquico não se restringe aos docentes, mas também acomete os alunos.

Diante do exposto estamos nos propondo a ampliar tal pesquisa desenvolvida, partindo da hipótese agora de que há um mal-estar discente a ser investigado. Para tanto, pretende-se considerar, desta vez, o *locus* da universidade pública.

A fim de compreender melhor essa questão, tal proposta fundamenta-se sob dois principais terrenos, o da Psicanálise e o da Educação, o que nos permite pensar para além da relação ensino-aprendizagem, considerando também a relação do sujeito discente com o Outro e com o seu próprio sintoma do qual se queixa.

Segundo Voltolini (2002), no nosso tempo, continuam sem alteração e permanecem vigentes as ideias que marcaram época e se impuseram como a matriz de práticas pedagógicas, como a promoção e a sustentação de uma



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

imagem ideal de homem. Nessa perspectiva, cabe, assim, ao educador a tarefa de moldar parcialmente o aluno diante de demandas sociais, e também cabe aos educandos construir a própria educação. Ainda segundo o autor, é necessária a alteração subjetiva em relação ao saber, dependendo de os sujeitos se reconhecerem onde não se reconhecem no processo educativo (VOLTOLINI, 2002).

Marília Etienne Arreguy *et al.* (2012), assinalam que, dentre outras contribuições, à psicanálise possibilita um entendimento da relação entre violência simbólica e fracasso escolar. Tal leitura possibilita pensar como o ambiente educacional pode causar prejuízos à saúde mental dos estudantes. As possíveis consequências vão muito além do fracasso escolar, abarcando depressão, ansiedade e, em alguns casos, o suicídio – apesar deste último ser um tema ainda pouco abordado nos meios acadêmicos. Outrossim, a presença da psicanálise no campo educacional “pode ajudar a refletir e talvez frear, de alguma forma, as enormes demandas dirigidas hoje à psiquiatria” (COUTINHO; CARNEIRO, 2016, p. 126).

De maneira geral, o sofrimento psíquico entre universitários vem demandando um significativo espaço de discussão entre os pesquisadores acadêmicos (HENSCHER DE LIMA; ALERIO; LIMA; BARBOSA; BRONZEADO, 2019; VOLTOLINI, 2001). Tais debates sugerem uma análise cuidadosa dos laços sociais adoecedores que podem ser sustentados, ou não, no núcleo da universidade. Em seu bojo, evidenciam práticas e posições enrijecidas que a instituição desempenha ao lidar com o mal-estar discente, promovendo, assim, manutenção e intensificação dos sintomas nos alunos.

Isso posto, em resumo, pretendemos investigar o sofrimento psíquico em estudantes universitários, fazendo uso das metodologias de revisão de literatura e de pesquisa intervenção, por meio de grupos e rodas de conversa com os discentes.

Este trabalho justifica-se, inicialmente, pelo reconhecimento de que os estudantes universitários, quando nessa condição, podem vivenciar uma fase de vulnerabilidade psicológica devido, principalmente, às inúmeras exigências da cultura acadêmica. Diante desse quadro, é urgente pensar que a instituição de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

ensino encontre meios de ofertar um espaço de acolhimento, escuta e reflexão a esses sujeitos a fim de possibilitar a construção de caminhos possíveis para as vivências dessa fase.

Segundo Ariño e Bardagi (2018), há a necessidade de um acompanhamento mais formal a esses estudantes, tendo como foco os aspectos psíquicos e de saúde mental. Os autores observaram que um dos pilares relacionados ao sofrimento psíquico dos universitários é a organização da sua vida pessoal (aspectos sociais e econômicos) juntamente à estruturação da sua vida acadêmica.

É relevante pontuar que as mudanças vivenciadas pelos universitários fazem parte de uma fase maior na qual está situada a transição da juventude para a vida adulta, mudança essa de aspecto biológico, psicológico e social. Além dessas transformações, esses sujeitos, com frequência, vivenciam situações que causam muita angústia durante a vida acadêmica. Assim, percebemos pertinência em tal temática por considerar, principalmente, o momento atual pelo qual estamos passando – a pandemia do Coronavírus. Com o intuito de ilustrar uma fonte de angústia, nem todos os alunos, por exemplo, têm acesso à internet nem condições de participar das aulas remotamente, o que tem causado ainda mais tensão aos discentes.

Atenta a essa questão, a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2019)¹ reconhece que essa fase da vida (dos 18 aos 25 anos) é propícia ao aparecimento de comportamentos auto destrutivos, tais como o uso excessivo de álcool e de drogas, como forma de sinalizar necessidades de auxílio e apoio. O jovem, contudo, por desconhecimento ou falta de compreensão da situação, pode ter dificuldades para buscar orientação ou, ainda, não valorizar a necessidade de ajuda (GAGEIRO COUTINHO, 2005).

Não são incomuns as notícias de suicídio de universitários, inclusive em instituições de ensino superior. Essa estatística de suicídio é expressiva, embora o registro de tais ocorrências não corresponda à realidade; sabe-se mais pelas notícias veiculadas na mídia e internet (redes sociais e blogs) que por

¹ Informação disponível em: <www.nacoesunidas.org.> Acesso em: 10 de agosto de 2020.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)
registros oficiais (CARAVELLI, 2009).

Quando o ato de suicídio é interrompido, no caso da tentativa, a subnotificação acontece com mais facilidade e frequência, uma vez que a intenção de suicídio, muitas vezes, ocorre por meio de ingestão de drogas (lícitas e ilícitas). Culturalmente, tal recorrência concorre para favorecer a distorção na interpretação ou na negação do ato (PEREIRA, 2016; PEREIRA, 2017; DUTRA, 2007; DUTRA, 2008).

Vale ressaltar que o mesmo ocorre em relação à temática do suicídio de uma forma geral, ou seja, os preconceitos e significados que permeiam esse fenômeno, como, por exemplo, valores religiosos e morais, muitas vezes, impedem que um ato dessa natureza seja identificado como tal. Não raro, esse acontecimento seja interpretado como um acidente ou morte natural.

No atual contexto da pandemia, os estudantes universitários têm relatado um aumento nos níveis de ansiedade e estresse. Em uma pesquisa realizada em 21 países, em 2020, com estudantes de 18 a 21 anos, sete em cada 10 afirmaram que a pandemia agravou dificuldades –relacionadas à saúde mental. No Brasil, o percentual é de 87% dos entrevistados. Estudar a distância, desemprego e medo da morte estão entre os fatores que contribuem para o sofrimento psíquico universitário². Agravado a esse cenário, muitos alunos cotistas estão em situação de vulnerabilidade social (DE MENDONÇA RIBEIRO et al, 2019).

Quanto à justificativa para o trabalho com os atendimentos em grupo, Mark Warschauer, professor e educador estadunidense, apresenta a roda de conversa como uma opção de troca, de aprendizado (WARSCHAUER, 2002). Define-a como um espaço-tempo terapêutico frente a uma realidade acadêmica que causa mal-estar nos estudantes universitários:

² Brasil tem maior índice de universitários que declaram ter saúde mental afetada na pandemia, diz pesquisa. Disponível em:<
<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/02/26/brasil-tem-maior-indice-de-universitarios-que-declaram-ter-saude-mental-afetada-na-pandemia-diz-pesquisa.ghtml>> Acesso em: 14 de junho de 2021.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Uma característica do que estou aqui denominando de Roda é a de reunir indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e sentir, de modo que os diálogos, nascidos desse encontro, não obedecem a uma mesma lógica. São, às vezes, atravessamentos pelos diferentes significados que um desperta em cada participante (WARSCHAUER, 2002, p.46).

Nesse contexto, a partilha das subjetividades acontece por meio da palavra. O espírito de grupo se forma e assume uma estrutura espiralada, ao mesmo tempo em que também ganha forma a complexidade de cada parte única dos seres, quando em constante exposição de suas ideias. Entendida assim, a roda é “[...] uma construção de cada grupo” (WARSCHAUER, 2002, p.47).

Buscamos com esse trabalho investigar o sofrimento psíquico dos estudantes universitários do curso de Psicologia da UFF. Com o intuito de contribuir para um melhor entendimento acerca dos sintomas que apontam para o fenômeno estudado, identificando-os e discutindo como afetam a vida acadêmica e social dos universitários. E ainda tentar compreender em que medida a história de vida, as condições subjetivas, as expectativas e os ideais pessoais, parentais e acadêmicos se articulam à produção do sofrimento psíquico dos sujeitos, tendo como base a Psicanálise e suas conexões com a Educação. - Apresentar propostas para o manejo, e superação, do mal-estar dos universitários a partir de rodas de conversa e atendimento psicológico, sobretudo, no cenário pós-pandemia.

Aporte teórico

De acordo com Sigmund Freud (1908), quem muito se debruçou sobre a relação entre o sintoma e a civilização, “[...] a vida urbana torna-se cada vez mais sofisticada e intranquila. Os nervos exaustos buscam refúgio em maiores estímulos e em prazeres intensos, caindo em ainda maior exaustão” (FREUD, 1908, p. 171).

Desse modo, podemos pensar o quanto as exigências da vida em sociedade, ou da civilização, de modo geral, podem estar associadas à produção das psicopatologias. Em *O futuro de uma ilusão* (1927), Freud



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

afirma:

A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais – e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização –, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível (FREUD, 1927, p. 15-16).

Em *O Mal-estar na Civilização* (1930), Freud aponta que os homens civilizados trocam as possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança, o que faz com “que um homem pense ser ele próprio feliz, simplesmente porque escapou à infelicidade ou sobreviveu ao sofrimento” (FREUD, 1930, p. 85). Contudo, em *O interesse científico da psicanálise* (1913), Freud já havia sinalizado que o recalamento da pulsão, promovido pela civilização e pela educação moralizante, tem como efeito as formações sintomáticas:

A supressão forçada de fortes instintos por meios externos nunca produz, numa criança, o efeito de esses instintos se extinguirem ou ficarem sob controle; conduz à repressão, que cria uma predisposição a doenças nervosas no futuro. A psicanálise tem frequentes oportunidades de observar o papel desempenhado pela severidade inoportuna e sem discernimento da educação na produção de neuroses, ou o preço, em perda de eficiência e capacidade de prazer, que tem de ser pago pela normalidade na qual o educador insiste. E a psicanálise pode também demonstrar que preciosas contribuições para a formação do caráter são realizadas por esses instintos associais e perversos na criança se não forem submetidos à repressão, e sim desviados de seus objetivos originais para outros mais valiosos, através do processo conhecido como ‘sublimação’ (FREUD, 1913, p. 133).

Nesse sentido, lemos em Freud que a cultura é inseparável do mal-estar que lhe é inerente. A defesa do psicanalista vienense é de que a ideia de felicidade não consta no plano a criação divina. Se, por um lado, destaca que o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

programa da vida é regido pelo princípio do prazer, cuja finalidade se evidencia na ausência de desprazer e na experiência de intensos sentimentos de prazer, logo em seguida, reitera que o princípio de prazer, sob a influência do mundo externo, se transforma no princípio de realidade. Tal mudança prioriza a tarefa de evitar o sofrimento em primeiro lugar, antes da busca de obtenção de prazer.

Logo, para manter a ordem civilizatória e garantir a vida eterna, coube ao homem fazer sacrifícios e controlar as suas pulsões desde sempre. Nessa esteira, as civilizações antigas trouxeram à sociedade o conceito de Deus como pai protetor e salvador, visão esta que foi estendida ao mestre, formando um emparelhamento entre Deus, pai e mestre.

Em *O futuro de uma ilusão* (1927), constatamos o resgate da análise do “Deus morto” para compreender que o homem faz uso da religião para minimizar a sensação de ausência do pai que o protegia na infância, transferindo, assim, este papel de proteção para Deus na vida adulta. Freud (1927) considera que todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização (lê-se cultura), embora acredite que esta é de interesse humano universal. Por isso, o homem não é espontaneamente amante do trabalho, tendo no excesso de trabalho uma das causas do enfraquecimento da intensidade da pulsão e do próprio Ego.

Considerando o circuito pulsional, é posto que as pulsões sexuais se apoiam nas funções de autopreservação e vão se separando delas aos poucos, até alcançarem autonomia quanto à satisfação, passando da parcialidade autoerótica das pulsões para o narcisismo através de uma nova ação psíquica. Desse modo, Freud defende que a pulsão é passível de sofrer destinos na dimensão narcísica e para além dela.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Pensando na constituição do sujeito, Carneiro e Coutinho elaboram (2015):

O mal-estar remete ao encontro do pulsional com a cultura, encontro do qual depende a constituição do sujeito e que está sempre por se fazer, o que na infância e na adolescência está bastante circunscrito ao contexto escolar. Pensar em mal-estar na escola é, portanto, pensar em um encontro entre os sujeitos que ali interagem atravessados por discursos que situam diferentes lugares e possibilidades de relação. (CARNEIRO, COUTINHO, 2015, p. 191).

Segundo o psicanalista argentino Leandro De Lajonquière (2002), a partir de 1920, Freud começou a pensar sobre o tema da educação:

Também examinou a "missão primeira da educação", declarando que, até o momento, a educação cumprira imperfeitamente sua missão, assim como a "educação psicanalítica" visava fazer da criança um "homem sadio e eficiente", que não viesse a se colocar "ao lado dos inimigos do progresso". A esperança freudiana numa outra educação ganhou, em 1927, o nome de educação para a realidade. Esta educação, diferentemente daquela proposta na época, deveria evitar a "miséria psicológica das massas (DE LAJOUNQUIÈRE, 2002, p. 16).

Ainda que Freud (1937) defenda que educar seja um ofício impossível, bem como analisar e governar, não pode desconsiderar que a educação é imprescindível:

É impossível passar sem educação. O caminho que vai da criança de peito ao homem civilizado é longo; não poucos jovens se desviariam dele e fracassariam no cumprimento de suas missões na vida, na época correta, se fossem deixados sem orientação quanto a seu próprio desenvolvimento (FREUD, 1927, p.59).

De Lajonquière (2002) argumenta que não obstante a afirmação freudiana de que educar é uma profissão impossível, é particularmente a educação que nos fornece a possibilidade da filiação simbólica humanizante, fundamental na constituição do sujeito e na construção de laços sociais: “A educação não aperfeiçoa o ser infantil, retirando metodicamente uma lógica já



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

dada no real, mas inocula e alimenta os germes culturais, alojados no campo Outro das línguas humanas, ou, se preferirmos, insere e sustenta legalidades próprias dos jogos de linguagem” (*id.p.* 07).

Freud (1927) interpreta que a educação e a civilização são aspectos indissociáveis necessários para a orientação do homem. No entanto, frisa que o intuito educacional não está no condicionamento de elevar o homem a um patamar novo, mas apenas em orientar mediante os termos civilizatórios. Em outras palavras, a educação parte da premissa doutrinária.

Diante disso, a educação adentra no campo civilizatório contemporâneo como substituto da religião quanto aos regramentos que devem ser executados e empreendidos constantemente:

Voltar-nos-emos, portanto, para uma questão menos ambiciosa, a que se refere àquilo que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar? A resposta mal pode provocar dúvidas. Esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer. Essa empresa apresenta dois aspectos: uma meta positiva e uma meta negativa. Por um lado, visa a uma ausência de sofrimento e de desprazer; por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer. (FREUD, 1930, p. 09).

Joel Birman (2003), psicanalista brasileiro, também atravessa a ideia de fragmentação da subjetividade a partir da infelicidade da civilização:

Nas últimas décadas constituiu-se no ocidente uma nova cartografia social, em que a fragmentação da subjetividade ocupa posição fundamental. Essa fragmentação é não apenas uma forma nova de subjetivação, mas a matéria-prima por meio da qual outras modalidades de subjetivação são forjadas. Em todas essas novas maneiras de construção da subjetividade, o ‘eu’ se encontra situado em posição privilegiada. No entanto, esse autocentramento do sujeito no ‘eu’ assume formas inéditas, sem dúvida, se considerarmos a tradição ocidental do individualismo iniciada no século XVII. (BIRMAN, 2003, p.13).

Birman (2003) lembra que a própria expressão “mal-estar na civilização” não pode ser reduzida à simples ideia de tratar do mal-estar do sujeito na modernidade. Isso porque, ela é muito mais ampla:



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Na leitura que realizei recentemente de “Mal-estar da Civilização” de Freud, considerei que o que estava em questão neste desenvolvimento teórico era menos a relação de antinomia insuperável entre os polos da pulsão e da civilização, numa forma de reflexão resignada da subjetividade na civilização em geral, do que um esforço para circunscrever o mal-estar do sujeito na modernidade. Era o estatuto do sujeito no mundo moderno o que instiga Freud em suas indagações ainda hoje perturbadoras. (BIRMAN, 2003, p. 17).

Diante do mal-estar inerente à cultura, Freud (1930) afirma que é quase impossível vivermos a vida como ela se apresenta em função das diversas dificuldades, decepções e exigências que a vida comum impõe. Segundo ele, a fim de suportar sua existência, o sujeito pode recorrer a medidas paliativas, a construções auxiliares. Freud define, então, essas saídas como medidas paliativas para suportar as dificuldades da vida em três categorias: “os *derivativos poderosos*, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; as *satisfações substitutivas*, que a diminuem; e as *substâncias tóxicas*, que nos tornam insensíveis a ela” (FREUD, 1930, p. 83, *grifo nosso*).

Em relação aos derivativos, ele se refere principalmente ao trabalho e à atividade científica, e quanto às satisfações substitutivas, Freud cita a arte e as ilusões. Desse modo, conforme analisa Mendonça (2011):

[...] ele aponta sete saídas possíveis ao mal-estar, soluções inventadas pelos indivíduos para se proteger da dor de existir inerente ao mal-estar estrutural da civilização. Inclui o amor, a religião, a atividade científica, a arte, o delírio, a sublimação e os narcóticos como forma de amenizar o mal-estar e buscar a felicidade (MENDONÇA, 2011, p.247).

Podemos observar nessas publicações freudianas como o autor interage com o campo social, utilizando-se da psicanálise para compreender a civilização mediada pelo trabalho. À medida que o homem renuncia a uma parcela de pulsão, inclusive aos aspectos agressivos e destrutivos, torna-se capaz de produzir e criar, em sociedade, bens e serviços comuns relacionados à ciência, à arte e à moralidade.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Broide (2006) também analisa como Freud entende o mal-estar:

O mal-estar na civilização”, Freud seguindo o mesmo raciocínio, coloca que o ser humano deve renunciar à realização imediata de seu desejo para que seja possível a vida na cultura ou civilização. O princípio do prazer deve ser transformado em princípio de realidade ou, dizendo de outra forma, o processo primário deve ser transformado, pelo trabalho humano. É daí que segundo ele, surge novamente a Lei
(BROIDE, 2006, p. 44).

Em relação ao mal-estar dos estudantes, objeto de pesquisa de nossa proposta, Cherchiari (2004) enumera que há diversas relações possíveis entre a saúde mental e a vida universitária; são desafios diários: dificuldades financeiras; escassa oferta de estágio/ emprego; excesso de conteúdos e provas; problemas pessoais que interferem diretamente na concentração e no rendimento acadêmico. Nesse contexto, o mal-estar civilizatório é estrutural, já o sofrimento psíquico dos alunos não o é.

É preciso, portanto, em muitos casos, contar com algum acompanhamento psicológico e/ou de equipe multidisciplinar para esta fase da vida:

Problemas psicossociais, tais como ansiedade, depressão, preocupações com os estudos e dificuldades de relacionamentos, são comumente encontrados em estudantes universitários e, quando não avaliados e tratados adequadamente, podem levar às evasões que são onerosas para o ensino público, para a sociedade e, principalmente, para o próprio estudante (CHERCHIARI, 2004, p. 46).

No curso de Psicologia, por exemplo, não é diferente. Muitos alunos precisam de atendimento, entretanto, a maioria não busca ajuda, pois acreditam que se trata de algo passageiro (GAGEIRO COUTINHO, 2020; GAGEIRO COUTINHO, 2009, SILVA *et al.*, 2020).

Arreguy (2020, p. 139) explica que, muitas vezes, o sofrimento psíquico tem origem no autoritarismo docente: “No sentido de uma pedagogia institucional (...), pode-se considerar que a autoridade deve ser atribuída aos que podem levar o outro pela mão e ajudá-lo a crescer, a levantar-se, cedendo-



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

lhe o lugar aos poucos”. Nesse sentido, o professor sai da posição de referência, orientador, inspiração para ocupar uma posição de ameaça, causando inúmeros transtornos e levando ao adoecimento do aluno.

De Lima Souza e Laureano (2020), analisando as relações entre as patologias sociais e o mal-estar, destacam a atualidade do termo freudiano nas relações sociais e, em especial, nas relações acadêmicas. O que sinalizam é que há uma tendência dominante de relacionar saúde aos padrões já estabelecidos de normal e/ou patológicos:

(...) parte-se do pressuposto de que a saúde corresponde à medida exata de adequação do sujeito aos ideais culturais. Isso porque devemos entender por normalidade as disposições de conduta exigidas dos sujeitos nos processos de socialização, que, por sua vez, são marcados pelas racionalidades dominantes no cenário social e político. (DE LIMA SOUZA e LAUREANO, 2020, p.223).

Coutinho Gageiro (2005, p.19) analisa a adolescência na contemporaneidade: seus desafios e dificuldades, lembrando que estes mesmos atravessam também sua vida acadêmica, marcada pelo hiper-individualismo. Assim, sem se sentir parte de um grupo, o sujeito enfraquece psiquicamente: “O ideal cultural da adolescência nos faz pensar, efetivamente, num sintoma social típico da contemporaneidade, articulado à pulverização das referências simbólicas a serem transmitidas e compartilhadas” (id.).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada será a revisão bibliográfica do tema a partir de bases de dados como *Scielo*, *Google Acadêmico* e de bibliotecas virtuais de universidades. As combinações de descritores booleanos utilizados serão: 1) “sofrimento” AND “universitários” AND “psicanálise; e 2) “mal-estar” AND “universitários” AND “psicanálise”. Além disso, serão utilizados autores clássicos, como Sigmund Freud, assim como autores contemporâneos, como Joel Birman.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Os critérios de seleção serão: livros, capítulo de livro ou artigos acadêmicos. Teses, dissertações, cartas ao editor e outros documentos também serão referências relevantes na medida em que demonstram como está a pesquisa nesta área do conhecimento no país a partir de contribuições teóricas e práticas. Os conhecimentos selecionados e revisados serão tabulados para melhor organização. Assim, espera-se produzir um estado da arte sobre as publicações que existem a respeito do tema da saúde mental dos universitários.

Além da revisão bibliográfica, sob o viés da pesquisa qualitativa, será utilizado o dispositivo metodológico de pesquisa-intervenção, que consiste em uma tendência das pesquisas participativas que buscam investigar a vida de coletividades na sua diversidade qualitativa (AGUIAR, 2003; MIRANDA, 2006).

Destaca-se que a escolha por tal método se baseia na característica de que o processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas enquanto proposta de atuação transformadora da realidade do sujeito.

O que se coloca em questão é a construção de uma "atitude de pesquisa" que irá radicalizar a ideia de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento (GAGEIRO COUTINHO, 2011).

A intervenção evidencia que pesquisador/pesquisado, ou seja, sujeito/objeto fazem parte do mesmo processo:

Na pesquisa-intervenção, a relação pesquisador/objeto pesquisado é dinâmica e determinará os próprios caminhos da pesquisa, sendo uma produção do grupo envolvido. Pesquisa é, assim, ação, construção, transformação coletiva, análise das forças sócio-históricas e políticas que atuam nas situações e das próprias implicações, inclusive dos referenciais de análise. (ROCHA e AGUIAR, 2003, p. 72).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Desse modo, acreditamos que a posição do pesquisador nas rodas de conversa seja também a de mediador. Conforme Coutinho e Carneiro (2016, p. 112): “O mal-estar na escolarização possa ser mapeado e pensado a partir do entrecruzamento de diversos discursos”.

Para tanto, os grupos de atendimentos, organizados em rodas de conversas, serão ofertados aos alunos do curso de Psicologia da UFF através de anúncios em murais da universidade, de mídias digitais e de contato com a coordenação da graduação. Quanto ao perfil, espera-se a procura de homens e mulheres com idade superior a 18 anos, estudantes universitários, que se voluntariem para o grupo de atendimento. Os encontros ocorrem quinzenalmente em uma sala da universidade quando da possibilidade de encontros presenciais, respeitando as medidas de segurança sanitárias. Quando necessário o distanciamento social os encontros do grupo serão realizados de forma remota, mas em tempo real ('on line') na internet através do Google Meet e abrigado institucionalmente no Departamento de Psicologia (GSI) do Instituto de Psicologia da UFF.

Com esses encontros, esperamos escutar e esquadrihar o sofrimento e o mal-estar dos estudantes universitários, trazendo um aspecto empírico e contextualizado para a pesquisa, além de, sendo de suma importância, possibilitar um espaço terapêutico para os participantes discentes.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, M.A. **Ligações Perigosas e Alianças Insurgentes. Subjetividades e Movimentos urbanos.** Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ARIÑO, D.O; BARDAGI, M.P. Relação entre fatores acadêmicos e a saúde mental de estudantes universitários. **Revista psicologia em pesquisa**, v. 12, n. 3, 2018.

ARREGUY, M.E; ALMEIDA, M.M; CAMPOREZ, G.A. Violência simbólica e fracasso escolar: reflexões psicanalíticas na educação in: **RevistAleph**, n. 17, 2012.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. Rio de Janeiro, 2003.

BROIDE, J. **A psicanálise nas situações sociais críticas: uma abordagem grupal à violência que abate a juventude das periferias**. 2006. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CARAVELLI, S.A.L. **A passagem ao ato suicida e seus antecedentes nas afecções da inibição e da impulsividade: Paixão, neurose obsessiva, toxicomanias melancolizadas**. Tese de Doutorado. 2009.

DE LAJONQUIÈRE, L. **A Infância, os adultos e a ilusão de um futuro**. 2002. In: **Proceedings of the 4. Colóquio do LEPSI IP/FE-USP**. 2002.

DE LIMA, C.H et al. Saúde e sofrimento psíquico no contexto universitário à luz da teoria psicanalítica dos quatro discursos in: **Humanidades & Inovação**, v. 6, n. 8, p. 9-22, 2019.

DE LIMA SOUZA, V.J; LAUREANO, P. S. Patologias sociais e a gestão ideológica do mal-estar in: **Tempo Psicanalítico**, v. 52, n. 2, p. 214-229, 2020.

DE MENDONÇA RIBEIRO, F; GUZZO, R.S.L. Psicologia e ensino superior: aspirações pequeno-burguesas e contradições cotidianas em cotistas. **Revista de Psicologia da IMED**, v. 11, n. 1, p. 27-45, 2019.

FREUD, S. (1908) Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard, v.IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1913) O interesse científico da psicanálise. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard, v.XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1927) O futuro de uma ilusão. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard, v.XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1930[1929]). O Mal-Estar na Civilização. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1937). Análise Terminável e Interminável. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição Standard, v. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAGEIRO COUTINHO, L. Adolescência y Movimientos sociales; incidências



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

em la constituíci[on del sujeto in: **Affectio Societatis**, v. 17, n. 32, 2020.

_____. Adolescence, contemporary culture and education in: **Estilos da Clínica**, v. 14, n. 27, p. 134-149, 2009.

_____. Pesquisa-intervenção na escola: adolescência, educação e inclusão social in: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 63, n. 1, p. 2-10, 2011.

_____. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social in: **Pulsional Revista de Psicanálise**, v. 181, n. 3, p. 16-24, 2005.

GAGEIRO COUTINHO, L.; CARNEIRO, C. Infância, adolescência e mal-estar na escolarização: interlocuções entre a psicanálise e a educação in: **Psicologia Clínica**, v. 28, n. 2, p. 109-129, 2016.

MENDONÇA, J. A droga como um recurso ao mal-estar na civilização in: **Psicol. rev.**, Belo Horizonte, v.17, n.2, p.240-260, 2011.

MIRANDA, M.P; VASCONCELOS, R. N; SANTIAGO, A.L.B. Pesquisa em psicanálise e educação: a conversação como metodologia de pesquisa in: **Proceedings of the 6th Psicanálise, Educação e Transmissão**. 2006.

MONTE, S. R.; CALDEIRA, A., R. As representações de adolescentes sobre si mesmos no mundo real e virtual: um estudo psicanalítico. **AMazônica - Revista de Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Educação**, v. XIX, p. 102-131, 2017.

14

PEREIRA, M.R. **O nome atual do mal-estar docente**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

_____. De que hoje padecem os professores da Educação Básica? **Educar em Revista**, n. 64, p. 71-87, 2017.

ROCHA, M.L.; AGUIAR, K. F. "Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises." In: **Psicologia: ciência e profissão** 23.4. 64-73, 2003.

SILVA, A.F. et al. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 30, p. e300216, 2020.

VOLTOLINI, R. As vicissitudes da transmissão da psicanálise a educadores. *Estilos da Clínica - Rev. da infância com problemas* (An. 3 Col. LEPSI IP/FE USP 2002).

VOLTOLINI, Rinaldo. Do contrato pedagógico ao ato analítico: contribuições à discussão da questão do mal-estar na educação. **Estilos clin.**, São Paulo , v. 6, n. 10, p. 101-111, 2001 . Disponível em



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282001000100009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 dez. 2021.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.

Recebido: 30/10/2021.

Aceito:30/12/2021.

Autoras:

Roberta Duarte dos Santos

Doutoranda em Psicologia pela UFRRJ, Mestre em Psicologia pela UFRJ, Psicóloga da Policlínica Militar de Niterói.

E-mail: bertaduarte4@hotmail.com

Adriana Rosmaninho Caldeira de Oliveira

Doutora em Educação, Professora da Adjunta do Instituto de Psicologia da UFF.

E-mail: adrianacaldeira@id.uff.br